Edição 4

11/10/2026

Kalelpost

Você por dentro da noticia, opinião sem medo da verdade

Além da Insulina: A Inadiável Necessidade de Tecnologias de Monitoramento e Acessibilidade no SUS



Destaques

Os sensores de monitoramento de glicemia que a Conitec não quer implementar no SUS

Página 7

Foto / Reprodução - Imagem mostra sensor de monitoramento de glicemia

E mais...

Nova Medida do INSS Garante Renda e Segurança a Mulheres Afastadas por Violência Doméstica

Página 8

Foto / Reprodução - Imagem mostra logomarca da Previdência Social

Editorial

O Recado Severo e Inequívoco das Urnas; O Brasil já não suporta mais o PT

O encerramento das urnas em 4 de outubro deixou uma mensagem inequívoca. O avanço do eleitorado, ao posicionar o opositor Flávio Bolsonaro na dianteira das preferências populares, pegou o Palácio do Planalto e o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva de surpresa, mas refletiu um sentimento latente que já atravessava o país. Longe de ser um mero movimento pendular da política partidária, o resultado representa o desgaste acentuado com o modelo de governabilidade e a visão de mundo representados pelo Partido dos Trabalhadores.

Não se trata, neste momento, de fazer um julgamento maniqueísta ou de classificar quem é melhor ou pior na disputa política. A análise fria dos números demonstra que, acima das divergências ideológicas e do cenário de acirrada polarização, a sociedade brasileira sinalizou estar saturada de um modelo econômico e social fundado em conceitos ultrapassados e no fiscalismo inconsequente.

A insatisfação popular decorre diretamente da percepção de que as receitas tradicionais da legenda não respondem às demandas do Brasil contemporâneo. A visão econômica pautada no crescimento continuado de gastos públicos — na lógica do "gasta agora para ver depois" — esbarra na realidade da inflação, da pressão sobre os juros e da incerteza fiscal. A sustentabilidade das contas públicas e a responsabilidade com o dinheiro do contribuinte deixaram de ser pautas abstratas e passaram a impactar o cotidiano dos cidadãos, dos trabalhadores e dos geradores de emprego.

O resultado do primeiro turno expõe a distância entre o discurso oficial e a percepção direta da sociedade sobre os rumos da gestão pública. O Brasil demonstra querer uma agenda voltada à eficiência governamental, à previsibilidade e ao equilíbrio de contas, em vez do recorrente apelo a pacotes de estímulo sem lastro sustentável.

As urnas de 4 de outubro funcionaram como um aviso contundente: a sociedade busca alternativas operacionais modernas e pragmáticas, rejeitando o imobilismo de fórmulas antigas. O avanço da oposição não deve ser lido apenas como apoio a um nome individual, mas sim como a manifestação explícita do esgotamento com a conduta e os rumos impostos pelo PT.

Kalelpost



Hyundai

O futuro dos SUVs chegou. E ele tem o seu estilo.

Descubra o Hyundai Creta: a combinação perfeita entre design imponente, tecnologia de ponta e o conforto que a sua rotina merece. Mudar de caminho é fácil quando você está a bordo de um SUV projetado para superar expectativas. O Hyundai Creta une a robustez que você busca para a estrada com a agilidade e sofisticação necessárias para a cidade. Cada linha do seu design audacioso foi pensada para se destacar, enquanto o interior tecnológico transforma cada viagem em uma experiência premium.

Por que o Creta é a escolha inteligente?

Tecnologia Hyundai SmartSense: Segurança ativa com frenagem autônoma, assistente de permanência em faixa e câmeras de monitoramento de ponto cego.

Conectividade Total: Central multimídia integrada com espelhamento sem fio e o sistema Bluelink para controlar funções do carro direto pelo celular.

Performance Eficiente: Motorização turbo que entrega o equilíbrio ideal entre resposta rápida no acelerador e economia de combustível.

Espaço Inteligente: Conforto de sobra para cinco adultos e um dos maiores porta-malas da categoria.

Sinta o próximo nível.

Procure a concessionaria mais próxima e faça seu teste.

Adquira agora o seu Creta. O SUV tão potente e inteligente como você.

HTTPS://hyundai.com.br

motiva

O ritmo da cidade é o movimento das pessoas. Nas estradas, nos trilhos e nos aeroportos, a mobilidade é o que conecta trajetos, histórias e oportunidades. A Motiva existe para fazer a vida acontecer no tempo e no ritmo do brasileiro, unindo tecnologia, segurança e sustentabilidade em cada deslocamento.

Porque mais do que conectar caminhos, nosso compromisso é com quem passa por eles.

Motiva.
Você nos move.
https://motiva.com.br

USIMINAS

Construindo o futuro com a força de quem entende de aço. Por trás das maiores obras, da inovação automotiva e do desenvolvimento do país, existe uma base sólida. Há décadas, a Usiminas transforma o aço em soluções que movimentam a economia, geram empregos e impulsionam o progresso do Brasil.

Com tecnologia de ponta e compromisso com a sustentabilidade, continuamos moldando o amanhã com a mesma eficiência e liderança de sempre. Usiminas.

A força que movimenta o Brasil

Acesse: **https://usiminas.com**

Porque Taiwan parece tão indispensável para o governo chinês e qual o peso desse conflito para o Ocidente

Por May Ling Parker

A disputa em torno de Taiwan representa o nó geopolítico mais complexo e perigoso da política internacional contemporânea. O que se desenrola no Estreito de Taiwan não é apenas um contrito territorial reprimido no Extremo Oriente, mas o choque inevitável entre o projeto de consolidação nacional da China, a autonomia de uma democracia vibrante e a hegemonia global disputada pelas grandes potências do século XXI. Para compreender a obsessão de Pequim por Taiwan, é preciso voltar às origens históricas da disputa. Em 1949, ao fim de uma sangrenta Guerra Civil, o Partido Comunista Chinês (PCC), liderado por Mao Tsé-Tung, tomou o controle da China continental. As forças derrotadas do Partido Nacionalista (Kuomintang), sob o comando do general Chiang Kai-shek, refugiaram-se na ilha de Taiwan.

Ali, estabeleceram a continuidade da República da China, enquanto o continente proclamava a República Popular da China.Desde então, o governo de Pequim enxerga Taiwan como uma "província rebelde" que precisa ser reincorporada ao território nacional. Mais do que uma ambição geográfica, a reunificação possui um peso identitário absoluto para o Partido Comunista. Para a narrativa histórica de Pequim, a separação de Taiwan simboliza o último vestígio do "Século da Humilhação" — período em que a China foi dominada por potências estrangeiras —, e sua anexação é vista pelo presidente Xi Jinping como condição indispensável para a plena "renascença nacional". Embora a retórica de Pequim apele para a unidade histórica, o interesse real na ilha envolve fatores geográficos e econômicos cruciais.Taiwan abriga a maior e mais avançada indústria de semicondutores do planeta, liderada pela TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Company). A ilha produz mais de 60% dos microchips globais e cerca de 90% dos semicondutores de ponta — indispensáveis para smartphones, inteligência artificial, computação quântica e sistemas de defesa militar modernos. O controle sobre essa infraestrutura daria à China uma influência inigualável sobre a economia global e eliminaria sua dependência do ecossistema de semicondutores ocidental.Geograficamente, Taiwan está situada no centro da chamada "Primeira Cadeia de Ilhas", uma linha defensiva natural de aliados dos Estados Unidos (como Japão, Taiwan e Filipinas). Sem Taiwan, a Marinha de Libertação Popular da China fica limitada na projeção de forças rumo ao Oceano Pacífico.

Ao controlar a ilha, a China romperia esse bloqueio ocidental e projetaria poder militar direto sobre as rotas marítimas vitais do Pacífico Ocidental.Enquanto Pequim insiste na reunificação histórica, a sociedade taiwanesa passou por uma profunda transformação interna. O regime ditatorial do Kuomintang deu lugar a uma das democracias mais consolidadas e progressistas da Ásia.Com o passar das décadas e a emergência de novas gerações nascidas na ilha, a vasta maioria da população não se identifica com a China continental. A esmagadora maioria defende a manutenção do status quo — a preservação de uma autonomia de fato, com governo próprio, Forças Armadas independentes, moeda própria e instituições democráticas —, rejeitando taxativamente qualquer modelo de reunificação autoritária, especialmente após a erosão das liberdades civis observada em Hong Kong.

A dimensão mais perigosa do conflito reside no envolvimento dos Estados Unidos. O governo norte-americano adota formalmente a diplomacia da "Política de Uma Só China" — reconhecendo Pequim como o único governo legítimo —, mas mantém laços não oficiais vigorosos com Taiwan através do Taiwan Relations Act. Essa lei obriga Washington a fornecer os meios de defesa necessários para que a ilha se proteja de qualquer agressão externa.Por décadas, essa postura de ambiguidade estratégica manteve o equilíbrio: Pequim hesitava em invadir por não saber se os EUA interviriam militarmente, enquanto Taiwan hesitava em declarar formalmente a independência por saber que isso desencadearia uma guerra imediata sem garantia total de socorro.No entanto, o equilíbrio está sob constante pressão. As recorrentes incursões aéreas chinesas na zona de identificação de Taiwan, os exercícios militares que simulam bloqueios navais e a postura ocidental mais assertiva no Indo-Pacífico mostram que a margem para erro é mínima. Um conflito armado direto no Estreito de Taiwan paralisaria as cadeias de suprimento globais e colocaria em confronto nuclear direto as duas maiores potências do globo. *May Ling Parker é jornalista de internacional.E escreve para a Kalelpost.

SAÚDE

Os impactos emocionais na vida do indivíduo diabético

O diagnóstico de diabetes traz consigo demandas diárias que vão além das picadas de dedo, da contagem de carboidratos ou das aplicações de insulina. Conviver com uma condição crônica exige um constante trabalho mental, tornando o estado emocional um pilar tão determinante quanto a alimentação e os medicamentos no controle da saúde.

O gerenciamento ininterrupto do diabetes pode gerar uma carga psicológica significativa. Dentre as principais manifestações emocionais no cotidiano do indivíduo, destacam-se. Distresse do Diabetes (Diabetes Distress): Um estado de frustração e exaustão decorrente da rotina de cuidados diários. Ao contrário da depressão clínica, esse desgaste é diretamente ligado ao fardo de administrar a condição 24 horas por dia, 7 dias por semana.

Ansiedade e Medo de Hipoglicemias: O receio constante de episódios graves de queda de açúcar no sangue (especialmente durante a noite ou em locais públicos) pode levar ao isolamento social ou a manter a glicemia intencionalmente alta.
Sentimento de Culpabilidade: Flutuações glicêmicas inesperadas frequentemente provocam sensação de fracasso, mesmo quando o indivíduo segue rigorosamente o tratamento.
Negação do Diagnóstico: A dificuldade em aceitar a nova condição pode levar ao adiamento ou à negligência do tratamento, aumentando o risco de complicações a longo prazo. A mente e o metabolismo se comunicam diretamente através do sistema endócrino. Quando o corpo passa por estresse emocional, ansiedade ou raiva, ocorre uma resposta biológica imediata que afeta os níveis de glicose.

1. Liberação de Hormônios Contrarreguladores

Em momentos de tensão emocional, o cérebro ativa o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HHA) e o sistema nervoso simpático, desencadeando a liberação de:
Cortisol: Aumenta a resistência à insulina nos tecidos e estimula o fígado a liberar estoques de glicose.
Adrenalina e Noradrenalina: Preparam o corpo para a resposta de "luta ou fuga", estimulando a quebra de glicogênio hepático (glicogenólise) e aumentando a glicose disponível na corrente sanguínea.

2. Aumento da Resistência à Insulina

O excesso constante de cortisol faz com que as células tenham mais dificuldade para absorver a glicose disponível no sangue. Em pessoas sem diabetes, o pâncreas compensaria aumentando a produção de insulina; em quem tem diabetes, esse mecanismo é insuficiente ou inexistente, resultando em hiperglicemia prolongada.

3. Impacto Comportamental Indireto

O estresse e a ansiedade alteram comportamentos essenciais para a estabilidade glicêmica:
Alteração no apetite (busca por alimentos ultraprocessados ou ricos em carboidratos refinados como mecanismo de recompensa).
Negligência na medição dos níveis de glicose ou na administração pontual de medicamentos.
Alterações no sono, o que eleva ainda mais os níveis de cortisol no dia seguinte.

Superar o impacto emocional não significa eliminar totalmente o estresse, mas desenvolver ferramentas para gerenciá-lo sem que ele comprometa a saúde.
Acompanhamento Psicoterapêutico: A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) é amplamente indicada para reconfigurar crenças limitantes sobre o diagnóstico e desenvolver mecanismos adaptativos de enfrentamento.
Educação em Diabetes: Entender a fisiologia do corpo reduz a incerteza e a culpa. Compreender que a variação glicêmica é um dado biológico (e não um julgamento moral) alivia a pressão sobre os resultados.
Prática de Técnicas de Relaxamento: Atividades como mindfulness (atenção plena), exercícios de respiração diafragmática e ioga ajudam a desacelerar o sistema nervoso simpático, reduzindo a liberação de adrenalina e cortisol.
Rede de Apoio Ativa: Participar de grupos de apoio e compartilhar experiências com outras pessoas que vivem a mesma realidade reduz a sensação de isolamento e valida os sentimentos do dia a dia.
Alinhamento com a Equipe Multidisciplinar: A comunicação transparente com endocrinologista, nutricionista e educador em diabetes permite ajustar as metas de tratamento para que se adequem à rotina real do indivíduo, sem impor metas inalcançáveis.O equilíbrio glicêmico exige olhar para o indivíduo de forma integral. Cuidar das emoções é tão indispensável para o controle da glicose quanto a prescrição médica.

UNINTER

Uninter: Seja o que você quiser, com a melhor EAD do Brasil

Mais de 800 polos espalhados pelo Brasil. Vencedora 5 vezes do prêmio Reclame Aqui de melhor atendimento.

Venha ser o que você quiser com a Educação Uninter! A Uninter vai ajudar você a transformar sua carreira. Cursos com conceito alto no MEC e mensalidades que cabem no seu bolso. Venha para o maior e melhor centro universitário do Brasil.
Graduação;
Pós-graduação;
Cursos Técnicos e Profissionalizantes.

Comece a estudar agora com nossas opções de bolsas e financiamentos.
Bolsa Enem;
Prouni;
Bolsa ENCCEJA;
FIES;
Crédito Educacional Fundacred.
Só na Uninter você chega onde quer chegar.

Inscreva-se agora acessando nosso site, e entrando em contato conosco:

https://uninter.com

Brasil reforça cerco ao sarampo e intensifica vacinação diante do avanço da doença nas Américas

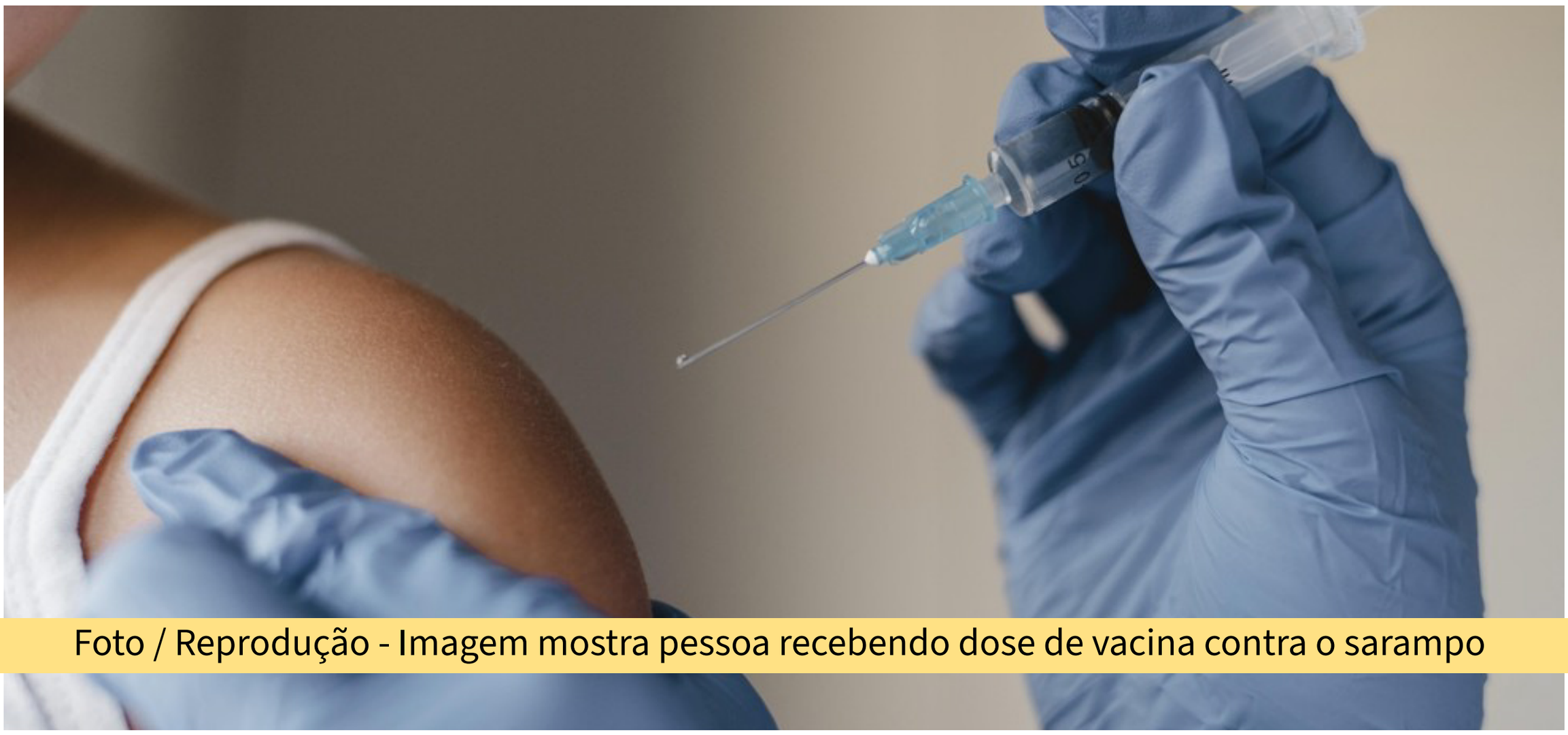

Foto / Reprodução - Imagem mostra pessoa recebendo dose de vacina contra o sarampo

Por Karoline Dantas

O avanço dos casos de sarampo nos Estados Unidos e em outros países do continente americano ligou o sinal de alerta nas autoridades de saúde brasileiras. Para impedir que casos importados voltem a provocar a circulação sustentada do vírus no país, o Ministério da Saúde intensificou uma série de ações preventivas e de resposta rápida, reforçando a urgência da atualização da caderneta de vacinação.

O cenário epidemiológico no continente preocupa. Nos Estados Unidos, o surto registra um dado alarmante: mais de 90% dos doentes são de pessoas não vacinadas ou com histórico vacinal desconhecido. A alta transmissibilidade do vírus, aliada ao fluxo constante de viagens internacionais, eleva a vulnerabilidade de populações desprotegidas em toda a região.

Ações de contenção e vigilância ativa

Para conter a ameaça, o Ministério da Saúde articula uma força-tarefa que envolve vigilância ativa, investigação detalhada de casos suspeitos, coleta de amostras e bloqueio vacinal imediato nas regiões onde há identificação de contatos. Em áreas prioritárias e locais de grande circulação, a aplicação de vacinas foi intensificada, contando com suporte de equipes federais.

Entre as diretrizes de imunização, destaca-se a estratégia da "dose zero", voltada para bebês de 6 a 11 meses e 29 dias. Essa aplicação extra não substitui o calendário regular do Programa Nacional de Imunizações (PNI) — composto pelas doses aos 12 meses (tríplice viral) e aos 15 meses (tetraviral ou tríplice + varicela) —, mas funciona como um escudo protetor temporário para a faixa etária mais suscetível a complicações graves.

Status do país e o desafio dos não vacinados

Apesar do alerta e do registro pontual de casos importados, o Brasil mantém a classificação de país livre de circulação endêmica da doença. O país também apresentou progressos recentes ao sair da lista global da OMS e do Unicef com os 20 maiores contingentes de crianças não imunizadas.

No entanto, o desafio persiste: estima-se que cerca de 50 mil crianças brasileiras ainda não receberam nenhuma dose contra o sarampo. As autoridades destacam que o alcance de altas coberturas vacinais é a única garantia de proteção coletiva, evitando que o vírus volte a se estabelecer em território nacional.

O Ministério da Saúde orienta qualquer pessoa com doses em atraso — ou que esteja em dúvida sobre seu histórico de imunização — a procurar uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do SUS para atualizar a vacinação gratuitamente.

Após resultado do 1º turno, Mercado reage com Flávio afrente de Lula



Foto / Reprodução - Imagem mostra painel da Bolsa de Valores em São Paulo

A apuração do primeiro turno das eleições presidenciais trouxe um resultado surpreendente ao colocar Flávio Bolsonaro à frente do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em seguida, o mercado financeiro respondeu de forma expressiva, registrando forte alta na bolsa de valores e queda acentuada na cotação do dólar.

Para compreender esse movimento, é preciso olhar além das pesquisas prévias e analisar a forma como os investidores processam incertezas, expectativas fiscais e direcionamentos políticos.

Os mercados financeiros operam com base em expectativas e projeções futuras. Antes de qualquer evento de grande relevância — como uma eleição presidencial —, bancos, corretoras e fundos de investimento ajustam suas estratégias com base nos cenários indicados pelas pesquisas de opinião pública.

Nas semanas que antecederam a votação, as projeções predominantes sinalizavam uma vantagem para a candidatura governista ou um cenário de equilíbrio extremo. Quando a contagem oficial das urnas revelou Flávio Bolsonaro liderando o primeiro turno, ocorreu um desalinhamento imediato entre o cenário projetado e a realidade.

Quando o resultado diverge do consenso previsto, o mercado ajusta os preços de forma rápida e intensa para refletir a nova realidade.

Para o público geral, a alta da bolsa pode parecer apenas um reflexo de apoio a determinado candidato. Na prática econômica, o comportamento dos investidores está atrelado a conceitos centrais de governança e política fiscal:

A liderança da oposição reforça a expectativa de continuidade em programas de concessões públicas, atração de capital privado para infraestrutura e menor intervenção estatal em grandes empresas estatais.

Além da disputa presidencial, as eleições para a Câmara dos Deputados e o Senado mostraram um fortalecimento das bancadas de centro e direita. Para o mercado, um Congresso com perfil mais liberal atua como um freio a propostas de aumento de impostos ou expansão de gastos, independentemente de quem ocupe o Poder Executivo.

As empresas listadas em bolsa, especialmente as estatais e companhias dependentes do consumo interno, ganham valor devido à perspectiva de políticas pró-mercado e manutenção do ambiente de negócios favorável ao setor privado.

O ingresso de capital estrangeiro e a percepção de menor risco fiscal reduzem a pressão sobre a moeda americana, o que ajuda no combate à inflação ao baratear insumos e produtos importados.

A expectativa de rigor no controle das contas públicas sinaliza que o Banco Central terá maior margem para reduzir a taxa básica de juros (Selic) ao longo dos próximos períodos.

A reação imediata do mercado reflete o ajuste às surpresas da apuração e a expectativa quanto às diretrizes econômicas dos candidatos.

À medida que a campanha avança para a etapa final, a volatilidade deve continuar. Os agentes econômicos acompanharão atentamente os debates, a consolidação de alianças políticas e, principalmente, os compromissos formais assumidos por ambos os lados em relação ao equilíbrio das contas públicas e à governabilidade no próximo mandato.

Aedes aegypti: Quase metade dos municípios brasileiros está em alerta ou risco para proliferação do vetor



Foto / Reprodução - Mosquito transmissor da dengue

Apesar de o Brasil registrar uma queda substancial de aproximadamente 70% nos casos prováveis de dengue ao longo de 2026 em comparação com o ano anterior, os dados mais recentes de vigilância epidemiológica acendem um sinal amarelo para as autoridades de saúde pública. Levantamento divulgado pelo Ministério da Saúde, com base no 2º ciclo do Levantamento Rápido de Índices para *Aedes aegypti* (LIRAa), aponta que quase metade dos municípios avaliados (49,2%) encontra-se em situação de alerta ou risco para a proliferação do mosquito transmissor da dengue, zika e chikungunya.

Os dados apurados entre maio e agosto abrangeram 3.732 cidades que repassaram suas amostragens do indicador ao governo federal. A aparente estabilização nos atendimentos hospitalares — com o registro de cerca de 470,5 mil infecções prováveis até o final de setembro, contra 1,5 milhão no mesmo período do ano anterior — não deve ser interpretada como fim da ameaça. Epidemiologistas alertam que o alto índice de infestação prévio às temporadas mais quentes é o ambiente ideal para novos surtos das chamadas arboviroses.

A análise geográfica mostra comportamentos e focos variados do inseto de acordo com os hábitos regionais e a infraestrutura urbana local. A maior fatia dos focos do *Aedes aegypti* espalhados pelo território nacional continua concentrada em recipientes do cotidiano doméstico. Pequenos objetos e vasos de plantas representam 42,3% dos locais com larvas do mosquito, seguidos por reservatórios de água potável (26,1%), como caixas d'água e tonéis, e por pneus ou resíduos sólidos urbanos (23%), como entulhos e latas descartadas.

As especificidades regionais revelam desafios distintos para as equipes de vigilância sanitária. Enquanto nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste os criadouros predominantes são pratos de flores, garrafas e pequenos potes deixados nos quintais, no Nordeste o maior gargalo está na dependência de reservatórios de armazenamento de água potável destampados ou mal vedados. No Norte, por sua vez, a grande quantidade de pneus acumulados e o descarte irregular de resíduos sólidos lideram o ranking de criadouros identificados pelos agentes de endemias.

Além da dengue, outras doenças transmitidas pelo mesmo vetor apresentaram retração no balanço anual, com queda de 43% nos casos de chikungunya e de 35% nos diagnósticos de zika. Contudo, a proximidade dos meses de maior calor e precipitação, associada a alterações climáticas como os impactos do fenômeno El Niño, mobiliza o Ministério da Saúde a antecipar campanhas e reforçar o uso de novas tecnologias de combate.

Entre as estratégias em expansão pelo território nacional estão o emprego das chamadas *ovitrampas* (armadilhas para coleta de ovos e mapeamento de focos críticas) e a instalação de Estações Disseminadoras de Larvicida (EDL), que utilizam as próprias fêmeas do mosquito para transportar produtos inibidores do desenvolvimento larval até locais de difícil acesso para as equipes humanas. Tecnologias biológicas avançadas, a exemplo da introdução do método Wolbachia e da Borrifação Residual Intradomiciliar (BRI), somam-se à qualificação contínua de mais de 300 mil Agentes Comunitários de Saúde para reforçar a barreira de contenção antes do pico do verão.

Ainda assim, gestores públicos reforçam que as ferramentas tecnológicas perdem a eficiência se não houver um engajamento sistemático da população na eliminação de focos de água parada em suas residências. Vistorias semanais em calhas, descarte consciente de entulho e vedação de caixas d'água permanecem sendo o método mais simples, barato e eficaz para impedir que a estabilidade conquistada este ano seja revertida em uma nova crise de saúde pública.

Os sensores de monitoramento de glicemia que a Conitec não quer implementar no SUS

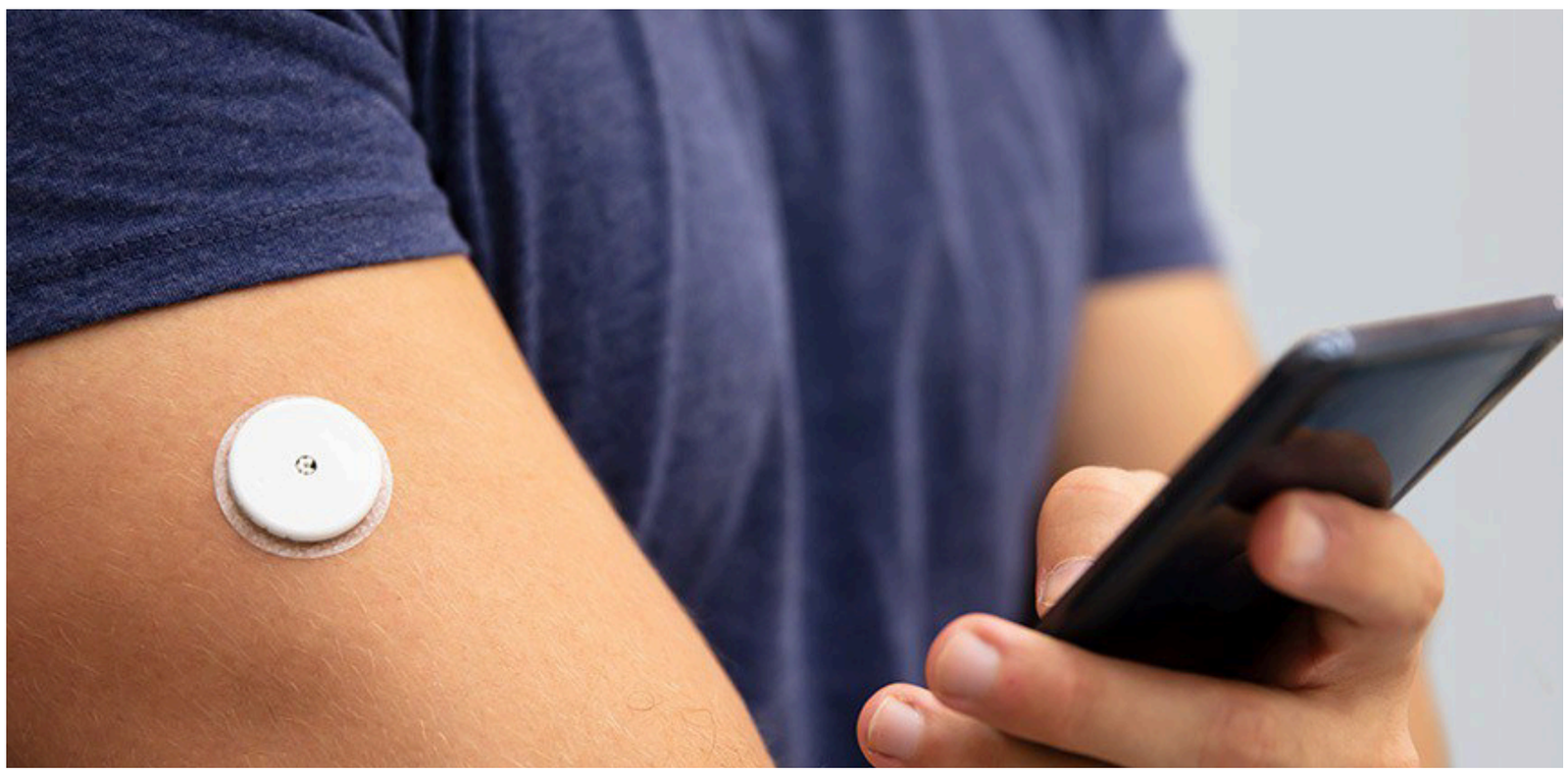

Foto / Reprodução - Imagem mostra sensor de monitoramento de glicemia

Por Guilherme Kalel

Durante décadas, o acompanhamento dos níveis de açúcar no sangue seguiu uma rotina rígida e dolorosa: picar a ponta do dedo várias vezes ao dia. Essa medição tradicional oferece apenas um "retrato estático" — um valor isolado no exato instante da gota de sangue. A chegada dos sensores de monitoramento contínuo de glicose (MCG) mudou essa lógica. Em vez de fotos esporádicas, essa tecnologia entrega um filme em tempo real da saúde metabólica. Os sensores de glicemia são pequenos dispositivos circulares ou ovais, semelhantes a um botão ou adesivo, aplicados diretamente sobre a pele (geralmente no braço ou no abdômen).O funcionamento baseia-se em uma microagulha flexível que penetra na camada subcutânea. Ela não mede o sangue diretamente, mas sim o fluido intersticial — o líquido que banha as células da pele. O sensor lê a concentração de glicose a cada pouquíssimos minutos.

O usuário aproxima o celular ou um leitor próprio para obter a taxa atual, a tendência de subida ou descida e o histórico recente. Muitos modelos emitem avisos sonoros no celular se a glicose estiver caindo (risco de hipoglicemia) ou subindo muito rápido (hiperglicemia), inclusive durante o sono. A história dos sensores de glicose combina duas grandes descobertas. O cientista e químico americano Leland Clark Jr. — considerado o "pai dos biossensores" — foi o pioneiro no desenvolvimento de um eletrodo capaz de medir a glicose a partir de uma reação enzimática. Esse conceito abriu caminho para todas as tecnologias de monitoramento que conhecemos hoje. O primeiro sistema de monitoramento contínuo aprovado para uso clínico (o CGMS da empresa MiniMed, posteriormente adquirida pela Medtronic) foi lançado em 1999. Ele armazenava dados por 3 dias para que o médico pudesse analisar depois. Ao longo das últimas duas décadas, o avanço dos microchips, das baterias e da conectividade via Bluetooth transformou esses protótipos em dispositivos discretos, duráveis e integrados aos smartphones do dia a dia. Apesar da facilidade proporcionada por essa tecnologia, o custo financeiro é o principal obstáculo para a sua democratização. Cada sensor dura entre 10 e 15 dias. No mercado brasileiro, o valor unitário varia de R$ 280 a R$ 350. Como são necessários cerca de dois sensores por mês, o custo mensal gira em torno de R$ 560 a R$ 700, excluindo o preço do leitor (caso a pessoa opte por não usar o próprio smartphone). Atualmente, a oferta pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ainda não é padronizada em todo o país. O acesso costuma ocorrer pontualmente via programas estaduais/municipais específicos ou por judicialização A grande vantagem dos sensores não é apenas evitar o desconforto das picadas nos dedos. O valor real está nas setas de tendência. Saber se a glicose está em 100 mg/dL e subindo rápido traz uma decisão completamente diferente de saber que ela está em 100 mg/dL e caindo bruscamente. Essa clareza permite aos pacientes e médicos ajustar doses de insulina, alimentação e atividades físicas de forma imediata e assertiva, reduzindo significativamente as complicações decorrentes do diabetes.

Nova Medida do INSS Garante Renda e Segurança a Mulheres Afastadas por Violência Doméstica



PREVIDÊNCIA SOCIAL

Foto / Reprodução - Imagem mostra logomarca da Previdência Social

Por Guilherme Kalel

Uma regulamentação histórica publicada pelo governo federal trouxe um alívio crucial para vítimas de violência doméstica que precisam se afastar do ambiente de trabalho. O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), em conjunto com o Ministério da Previdência Social, viabilizou o pagamento de um benefício protetivo que assegura a estabilidade financeira de trabalhadoras em situação de vulnerabilidade.

Até então, a Lei Maria da Penha já previa a possibilidade de o juiz determinar o afastamento da mulher de suas atividades laborais por um período de até 6 meses, com a garantia de manutenção do vínculo empregatício. No entanto, a legislação sofria de uma lacuna significativa: não especificava de onde viria o recurso financeiro para sustentar essa trabalhadora durante o afastamento. Essa incerteza gerava um dilema cruel, forçando muitas vítimas a escolherem entre a própria segurança e a garantia do sustento básico.

Com a nova diretriz administrativa — alinhada a entendimentos recentes do Supremo Tribunal Federal (STF) —, o cenário muda drasticamente:

Dispensa de Perícia:

O processo foi desburocratizado. Para ter acesso ao recurso, **não é necessária a realização de avaliação médico-pericial**. A apresentação da decisão judicial que determina o afastamento protetivo é suficiente.

Duração:

O benefício é pago pelo período estipulado pelo magistrado, respeitando o **limite máximo de até 6 meses**. Caso a sentença judicial não especifique o prazo, o teto padrão considerado é de meio ano.

Atendimento Prioritário e Sigiloso: Os canais de atendimento do INSS (como o aplicativo e o site **Meu INSS**, além da Central 135) foram preparados para lidar com os requerimentos de forma sigilosa e prioritária, resguardando a integridade da mulher.

Divisão de responsabilidades por categoria

A forma de pagamento varia conforme o vínculo de trabalho da segurada:

Trabalhadoras com vínculo formal (empregadas):

Os primeiros 15 dias de afastamento ficam sob a responsabilidade financeira do empregador. A partir do 16º dia, o encargo passa a ser assumido integralmente pelo INSS.

Demais categorias:

Para empregadas domésticas, trabalhadoras avulsas, contribuintes individuais, seguradas facultativas e seguradas especiais, o INSS custeia o valor de forma integral desde a data inicial estipulada no documento judicial.

Mulheres sem vínculo previdenciário:

Nos casos em que a vítima não possui cobertura da Previdência Social, o STF estabeleceu que o pagamento tem natureza assistencial, devendo ser arcado pelo estado, Distrito Federal ou município conforme indicação do juiz.

Além de amparar a vítima, a medida reforça o princípio da responsabilização civil do agressor. Os valores desembolsados pelo INSS durante o período de afastamento protetivo poderão ser cobrados judicialmente do autor da violência por meio de ações regressivas propostas pela Procuradoria-Geral Federal (PGF).

Com essa regulamentação, o Estado dá um passo decisivo para preencher uma lacuna de proteção social, oferecendo a base material indispensável para que mais mulheres tenham o respaldo necessário para romper o ciclo de violência doméstica sem o temor da ruína financeira.

Tecnologia e Vida: Hackathon SUS impulsiona startups e inovações no combate ao câncer no Brasil



Foto / Reprodução - Imagem mostra fachada do Ministério da Saúde

A busca por soluções inovadoras para um dos maiores desafios de saúde pública do país deu um passo importante. Com o encerramento da etapa seletiva na Região Sul, sediada em Curitiba (PR), o **Hackathon SUS – Desafio Tecnológico** concluiu seu ciclo de maratonas regionais, consolidando-se como uma ponte estratégica entre a ciência, o empreendedorismo e a rede pública de saúde.

Promovida pelo Ministério da Saúde, a iniciativa tem como foco principal atrair startups e empreendedores capazes de desenvolver tecnologias disruptivas voltadas para a **oncologia**. O objetivo é direto: acelerar o diagnóstico precoce, otimizar tratamentos e reduzir os gargalos assistenciais que impactam milhares de pacientes oncológicos no Sistema Único de Saúde (SUS).

Durante as maratonas — que passaram por diferentes polos do país antes da finalização em solo paranaense , equipes formadas por cientistas, desenvolvedores e pesquisadores apresentaram soluções que vão desde ferramentas de inteligência de dados até dispositivos médicos complementares.

Entre os destaques que avançaram para a etapa nacional estão tecnologias focadas em antecipar diagnósticos de neoplasias, diminuir os efeitos colaterais e os riscos associados a tratamentos agressivos como a quimioterapia, e aprimorar o monitoramento contínuo de pacientes em acompanhamento.

"A integração da criatividade de pesquisadores nacionais com a estrutura do SUS representa uma mudança de patamar na forma como o país planeja o enfrentamento ao câncer, unindo agilidade tecnológica e acolhimento humanizado."

Com o fim das seletivas regionais, os projetos selecionados entram agora em uma fase crucial de **validação técnica**. Essa etapa assegura que as ferramentas digitais e os protótipos desenvolvidos pelas startups consigam se integrar de maneira fluida aos sistemas já existentes na rede pública, respeitando as normas regulatórias de dispositivos médicos e a segurança de dados dos pacientes.

Os vencedores das etapas regionais seguem agora rumo à grande final nacional, onde concorrerão ao apoio institucional necessário para transformar ideias inovadoras em políticas e ferramentas de adoção em larga escala pelo SUS. A estratégia corrobora o esforço contínuo do governo federal em modernizar a infraestrutura sanitária do Brasil, apostando no ecossistema de inovação aberta para salvar vidas.

Liberdade de Opinião:

Além da Insulina: A Inadiável Necessidade de Tecnologias de Monitoramento e Acessibilidade no SUS



Por Guilherme Kalel

O anúncio do governo federal celebrando a produção em larga escala e a distribuição da insulina glargina no Sistema Único de Saúde (SUS) representa, indiscutivelmente, uma conquista relevante para a saúde pública do Brasil. No entanto, comemorar a ampliação do acesso aos análogos de insulina sem prover os meios indispensáveis para a sua dosagem e acompanhamento é uma estratégia incompleta. Para milhões de brasileiros que convivem diariamente com o diabetes, o tratamento não se resume à aplicação do medicamento; ele exige precisão, dados e ferramentas contínuas de aferição.

Tratar o diabetes sem garantir o controle glicêmico adequado é como fornecer um veículo moderno a um condutor e privá-lo do painel de controle. É exatamente nesse ponto que a gestão pública peca por uma visão limitada. Os sensores de monitoramento contínuo de glicose (CGM) deixaram de ser itens de luxo ou meras conveniências tecnológicas; tornaram-se ferramentas essenciais para a segurança, dignidade e manutenção da vida dos pacientes.

Infelizmente, a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec) tem reiteradamente apresentado pareceres desfavoráveis à inclusão ampla desses sensores na rede pública, sob a justificativa de custos e critérios orçamentários. Esse posicionamento reflete uma miopia administrativa perigosa. O cálculo financeiro da saúde pública não pode se restringir ao preço do insumo imediato, mas deve mensurar o custo social e financeiro do descontrole da doença — que se traduz em internações por hipoglicemia severa, amputações, insuficiência renal e cegueira, custos estes que sobrecarregam infinitamente mais o próprio sistema de saúde no longo prazo.

A urgência dessa demanda ganha contornos ainda mais dramáticos quando analisamos a acessibilidade para populações vulneráveis, em especial as pessoas com deficiência visual. O método tradicional de medição — a picada de ponta de dedo — exige acuidade visual para manipular as fitas reativas, alinhar o sangue no dispositivo e ler os números em telas pequenas e sem retorno sonoro. Para quem perdeu a visão, frequentemente como consequência do próprio avanço do diabetes, esse procedimento torna-se um obstáculo intransponível de forma autônoma.

Exigir que uma pessoa deficiente visual dependa do auxílio constante de terceiros para realizar múltiplos testes diários é uma violação direta dos princípios de autonomia, dignidade e inclusão social. Os sensores de glicose modernos, quando integrados a aplicativos de smartphones com leitores de tela habilitados por voz, devolvem ao indivíduo a capacidade de gerir a própria condição com total independência e segurança.

O SUS é fundamentado nos princípios da integridade e da equidade. Ignorar os avanços tecnológicos que promovem acessibilidade e qualidade de vida é atuar na contramão desses preceitos fundamentais. A modernização do tratamento do diabetes no Brasil precisa ir além da caixa de insulina; exige a democratização do acesso aos sensores de monitoramento. É hora de o Estado olhar para os cidadãos com sensibilidade humana e responsabilidade socioeconômica, superando a inércia burocrática para garantir que o direito à saúde seja pleno, inclusivo e universal.

***Guilherme Kalel é Jornalista e Escritor.**
Publisher da Agência Kalelpress e do Jornal RS Connect.
MTB: 89344 / SP.

Expediente

Revista Kalelpost: Informação que te leva a verdade:
Editor Responsável: Jornalista Guilherme Kalel.
O mensageiro da notícia.
MTB: 89344 / SP.
Diagramação: Adriana Rodrigues.
Produção e distribuição: Agência Kalelpress.

Quer saber mais sobre nossa historia e quem somos? Conheça acessando:
https://informeon.com.br/quem-somos

Acesse nossos portais de notícias, leia nossas reportagens e compartilhe nosso trabalho:

https://informeon.com.br

https://informediabetes.com.br

Agência Kalelpress.
Todos os direitos reservados. Proibida reprodução sem autorização.
CNPJ: 60351363000101

atendimento@kalel.net.br

jornalismo@informeon.com.br

https://wa.me/5516989990050